



RAÇA e CULTURA: O Protagonismo do Negro na Formação Histórica-Social-Geográfica no Brasil.

Yago de Souza Verling¹

Igor Soares Cruz²

Edimilson Motta³

Resumo: O negro durante toda sua história se encontrou fora do padrão europeu, o que inviabilizou de diversas maneiras sua cultura, história e estética. O objetivo deste trabalho é abordar questões da raça e cultura da evolução da sociedade brasileira e seus agentes de formação. Foi feito o levantamento bibliográfico de autores tais como Oliveira Vianna, que aborda a formação do Brasil pelo conceito de raça - arianização; e, Gilberto Freyre, que aborda a formação do Brasil pelo conceito de cultura.

Palavras-chave: Multiculturalismo, Miscigenação e Formação Espacial.

1. Introdução

O Negro possui papel principal quando o assunto é a construção e desenvolvimento da formação do território brasileiro visto da maneira que se encontra nos dias de hoje. Através da exploração do seu trabalho (escravismo), o país se “desenvolveu” socioeconomicamente, primariamente através da exploração da terra, com o plantio da monocultura da cana-de-açúcar, mineração e a cultura cafeeira.

Esta exploração da terra ocorre em princípio com a escravidão dos vários povos indígenas que por aqui se encontravam. Porém com a chegada dos negros vindos da África, esta perspectiva escravagista muda, tendo em vista a forma mais

¹ Mestrando em Geografia, pela Universidade Federal Fluminense/ Polo Campos dos Goytacazes (UFF). Bolsista PIBID.

² Graduando do 7º período do Curso de Bacharelado em Geografia, da Universidade Federal Fluminense/ Polo Campos dos Goytacazes (UFF). Bolsista PIBID.

³ Professor Coordenador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do Departamento de Geografia de Campos, Universidade Federal Fluminense (UFF).

disposta de trabalhar do negro e também com sua feição mais dócil que a dos indígenas, considerados não tão aptos ao trabalho manual pesado como os negros (FREYRE, 1998). Desta forma, os negros acabam por “empurrar” os índios para as partes internas do Brasil, enquanto ocupavam as partes mais litorâneas do território o chamado “litoral agrário”.

O presente trabalho, tem por objetivo demonstrar o protagonismo do negro na época em que o Brasil era colônia de Portugal. Estabelecendo assim, as diferenças entre as tribos indígenas que habitavam a colônia Portuguesa. Também evidenciar o início da miscigenação entre os portugueses e os indígenas e os trabalhos que estes indivíduos ocupavam. Apontar quais áreas da Colônia estavam mais concentradas, as relações com homem branco com a casa grande e seu papel de servidão que acaba sendo construtor da economia brasileira.

2. Material e Métodos

Para que os objetivos deste artigo fossem alcançados, foi necessário realizar uma pesquisa bibliográfica sistemática referente a temática norteadora deste estudo. As pesquisas se deram em artigos publicados em periódicos, anais de eventos científicos e livros.

Desta forma, destacam-se duas obras bases, de dois autores importantes sobre o assunto, estes são, Oliveira Viana “A Arianização no Brasil” de 1923 e Gilberto Freyre “ Casa Grande & Senzala” de 1998, estas duas obras nos dão base necessária para tratar do foco central deste trabalho.

Viana (1923) aborda sobre o lugar do negro em um sentido biológico, animalesco, enviesado por uma visão eurocêntrica dos primórdios da civilização. Enquanto Freyre (1998), irá destacar o protagonismo do negro em seu sentido cultural, porém não ainda como indivíduo.

Por fim, é discutido a Lei 10.629\03 e o parecer 03\2004, com estabelecimentos importantes de reconhecimento e empoderamento da história e

cultura Afro-Brasileira e Africana dentro do ensino básico da educação. Criando laços para o conhecimento e reconhecimento de toda uma História Afro-Brasileira e Africana nos tempos da colonização, e desta maneira seja possível um maior combate ao racismo e a discriminação com os negros de nossa sociedade ainda por mais que menos, mas ainda muito racista.

3. Resultados e Discussões

3.1 Os percalços do negro na formação brasileira.

No Brasil com a chegada dos portugueses, a miscigenação torna-se inevitável, levando-se em consideração que existiam poucas mulheres nesta nova terra. Sendo assim, a exploração sexual teve seu início com os índios e índias, e com os negros que chegaram ao Brasil, deu-se continuidade a este processo de miscigenação. Freyre (1998), aponta que este processo de miscibilidade se deu pela compensação dos portugueses em sua deficiência em massa ou volume de pessoas para a colonização destas novas terras em larga escala.

Ainda sobre este primeiro contato dos desbravadores portugueses com os indígenas, Freyre (1998), destaca que, os portugueses ficaram muito supressos ao encontrar aqui inúmeras mulheres, que andavam desprovidas de qualquer tipo de roupa, isto causou grande excitação sexual aos portugueses, que se engajaram em ter relações sexuais com os indígenas na época da colonização.

Assim é possível perceber que esta exploração sexual tanto dos indígenas quanto do negro, torna-se de extrema importância para compreendermos a formação social da população brasileira com um todo.

Esta miscigenação que ocorre no Brasil desde o início de sua colonização é um dos fatores para a proliferação da Sífilis como aponta Freyre (1998), tendo em vista que esta doença tem seu aporte amarrado com os primeiros europeus que ao atracarem suas embarcações em terra brasileiras, se misturam os povos indígenas de tal maneira que ocorre a disseminação da doença em grande escala. A doença

era tão comum na vida colonial, que muitos a tinha como se fosse um troféu.

Costuma dizer-se que a civilização e a sifilização andam juntas: O Brasil, entretanto, parece ter-se sifilizado antes de haver civilizado. Os primeiros europeus aqui chegados desapareceram na massa indígena quase sem deixar sobre ela outro traço europeizante além das manchas de mestiçagem e de sífilis. Não civilizaram: há, entretanto, indícios de terem sifilizado a população aborígine que os absorveu (FREYRE, 1998, p.48).

Neste ponto é importante salientar que a sífilis foi uma doença que assolou grande parte da população colonial, atingindo a todos sem diferenciação de classe social. Assim, fica claro que miscigenação traz consigo maiores problemas que vão além das hibridizações, já que para os europeus, o Brasil seria um país inferior por não possuir uma raça “pura”. A miscigenação também afeta a saúde de toda a colônia. Os escravos desta maneira, eram vistos como objetos, violentados não apenas pela exploração de sua força de trabalho, mas também sexualmente, neste mesmo período, até as crianças eram vistas como objetos de lazer e/ou prazer para outras crianças brancas (FREYRE, 1998).

Algo que merece destaque seria como o negro ganha espaço dentro desta sociedade latifundiária e acaba fazendo com que os índios recuem das regiões de costa mais para o interior e norte do Brasil. Freyre (1998) aponta para docilidade dos negros, a sua maior resistência, sua maior capacidade de trabalho agrícola e minerador. Restando ao índio as zonas extrativas e de pastoreio como já exposto mais ao norte do país.

Geograficamente, o litoral agrário foi a região de maior influência africana. E o negro trazendo uma cultura superior à cultura do índio, aquele sendo indivíduo legítimo da escravidão, foi capaz de desenvolver o trabalho agrícola obrigado pelo regime de escravidão. Era tido que os negros tinham uma maior predisposição biológica e psíquica para a vida nos trópicos, teriam maior apreço pelo sol. Enquanto os índios reverenciam os dias de chuva. Desta maneira criou-se uma diferenciação carismática entre negros e índios, sendo o negro adaptável, extrovertido, alegre, vivo. O índio, introvertido, reservado e desconfiado. Estes

foram incapazes para o trabalho agrícola regular, pois eram nômades (FREYRE, 1998).

Portanto no período colonial, conforme Vianna (1959) e Freyre (1998) os dois grandes centros de aglutinação africanas são, os sudaneses predominaram na Bahia. Os Cacheo e Bissau ficaram em Pernambuco, nos séculos I e II, e posteriormente nos séculos III e IV Bahia e Rio. É da África que uma média de 40 mil escravos imigram forçadamente todos os anos. Por fim, um último movimento de massa migratória de trabalho de escravos irá ocorrer com o advento do café, com deslocação da massa Africana para a região do vale do Paraíba, estes confluem para os cafeeiros de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

Pela distribuição da gente vermelha, já podemos determinar as zonas de maior condensação do elemento negro. São evidentemente as zonas agrícolas e, depois, as zonas mineradoras. Superior pela operosidade e pela obediência ao índio, onde quer que seja preciso lavrar a terra ou escavar minas o negro aí se concentra e aí se fixa: e, em consequência, na composição étnica da população, o coeficiente ariano e vermelho se reduz progressivamente. (VIANNA, 1959, p.145)

Após observamos como as raças se distribuem espacialmente, é possível traçar o perfil da especialização funcional de cada raça na economia colonial. Os brancos, distinguem a que aptidão cada raça melhor se adapta e distribui-las no território conforme suas aptidões. Os negros são direcionados as zonas rurais, para trabalhar em locais como o campo, empregados a serviços de caráter rude e que necessitam de pouca inteligência, mas sim de força. Aos índios, ficam atrelados trabalhos que exigem menos esforço, como visto a estes sobram os trabalhos de pastoreio e extrativismo (VIANNA, 1959).

Os negros se fazem, por isso, na zona rural, os principais instrumentos do trabalho agrícola, da enxada nas cidades, os senhores os empregam nos serviços mais rudes e que exigem menos inteligência, como o de carregadores de trapiches e trabalhadores braçais (VIANNA, 1959, p. 149).

Ainda sobre o assunto, Vianna (1959) expõe que, os negros que possuíam inteligência acima da média, eram utilizados em profissões que faziam tal dote necessário, predominavam entre oficiais de ofício manual, e nos serviços culinários

as negras com suas habilidades eram preferidas como mucamas e cozinheiras. Ainda conforme o anteriormente exposto sobre a inteligência e capacidade do negro de se aproximar do branco europeu, Vianna (1959, p. 155) aponta que:

O Negro puro nunca poderá, com efeito, assimilar completamente a cultura ariana, mesmo os seus exemplares mais elevados: a sua capacidade de civilização, a sua *civilizabilidade*, não vai além da imitação, mais ou menos perfeita, dos hábitos e costumes do homem branco. Entre a mentalidade deste e a o homem africano puro há uma diferença substancial e irreduzível, que nenhuma pressão social ou cultural, por mais prolongada que seja, será capaz de vencer e eliminar. Os próprios negros americanos, muito superiores, aliás, aos nossos, em virtude da seleção imposta pelas contingências da luta com um adversário temível, como é o anglo-saxão, ficam muito abaixo o teor médio da civilização norte-americana: mesmo os seus tipos superiores, como Booker Washington, não são negros puros, mas perfeitos mestiços, autênticos mulatos, cuja superioridade deve provir provavelmente do sangue ariano que trazem nas veias.

Importante aqui ressaltar no contexto da discussão racial, que até mesmo a variação de cor negra/mulata era um fator para maior ou menor exploração. Veja, Vianna (1959) afirma que os mulatos eram mais inteligentes em regra que os negros ditos “puros”, este foram gerados de cruzamentos entre brancos e negras “fulas”, e assim são os que mais se aproximam do tipo branco.

Os mulatos tendem, entretanto, a sair desta classe para a classe livre dos

“moradores”, principalmente mais claros, filhos de pais brancos, que os libertam pela alforria. Daí a desproporção existente entre os mulatos livres e os mulatos escravos na massa da população colonial (VIANNA, 1959, p.151).

O Brasil, cresce com a junção de 3 raças principais: a branca, a indígena e a negra, tal miscigenação nunca antes havia ocorrido em qualquer outro lugar. A mistura de raças nunca antes havia sido defendida pela visão europeia de mundo, e até mesmo pela ciência, que afirmava que a miscigenação era algo prejudicial e formadora de raças inferiores (VIANNA, 1959).

Sobre raça, Schawarcz (1993) evidencia a formação do conceito de raça apontando que o termo “raça” é introduzido na literatura nos inícios do século XIX, por Georges Cuvier, inaugurando assim a prerrogativa da ideia de hereditariedade físicas permanentes entre os grupos humanos.

Assim muitos pensadores incorporaram da teoria darwinista, modificando e/ou moldando tal teoria para explicar e/ou justificar a tal superioridade da raça branca, como única raça realmente pura a existir, sobre isso Schawarcz (1993, p 61) expõe:

Com efeito, punha-se por terra a hipótese evolucionista, que acreditava que a humanidade estava fadada a civilização, sendo que o termo degeneração tomava aos poucos o lugar antes ocupado pelo conceito de evolução, enquanto metáfora maior para explicar os caminhos e desvios do progresso ocidental. Para os autores darwinistas sociais, o progresso estaria restrito a sociedades “puras”, livres de um processo de miscigenação, deixando a evolução de ser entendida como obrigatória. Recortando na história mundial exemplos que reforçam seus argumentos, esses teóricos acreditavam que o bom desenvolvimento de uma nação seria resultado, quase que imediato, de sua confirmação racial pura.

Como o exposto, a miscigenação e o hibridismo, neste momento histórico perpassam o teor cultural de não aceitação do outro, mas também possuem o embasamento da ciência por trás de tal discurso, mesmo este embasamento sendo proveniente de distorção e corompimento destas teorias erroneamente apropriadas pela ciência. Esta ideologia racista tem seu início no século XVIII, e emerge em simultâneo em todos os países ocidentais durante o século XIX, e dessa forma o racismo reforça a ideologia da política imperialista, já que este discurso racista tem um valor importante para o Estado, que por tal discurso acaba justificando o porque de seu crescente imperialismo, como forma de dominação de outros lugares conquistados (ARENDRT, 2012).

Arendt (2012), aponta ainda que o imperialismo teria exigido a invenção do racismo, sendo a única justificativa para seus atos de exploração destes outros povos, mesmo nunca antes ter existido uma concepção ideológica racista no mundo dito civilizado.

Assim, ao traçarmos a história do negro neste cenário de formação histórica, social e geográfica do Brasil, conclui-se que sempre a cultura e identidade negra é menosprezada, diminuída, oprimida pelos agentes de dominação, algo que permanece a expõe seus resultados até hoje.

Após todo o exposto fica evidente o porquê das lutas e embates por

reconhecimento dos negros perante a sociedade. Neste sentido destaca-se a lei 10.639/03 e o parecer 03/2004, estas buscam a instauração obrigatório nas diretrizes curriculares nacionais sobre a educação das relações étnico-raciais e o ensino da História e cultura afro-brasileira e Africana nas escolas.

Desta forma o parecer busca oferecer uma resposta na área da educação à cerca da demanda da população afrodescendente, no que tange a políticas de ação afirmativas, ou seja, políticas que sejam reparadoras, de reconhecimento e valorização histórica, cultural e indenitária. Estas políticas ainda possuem como meta o direito do próprio negro se reconhecer na cultura nacional, expressarem suas visões de mundo e poder manifestarem seja de forma coletiva ou individual, seus pensamentos (BRASIL, LEI 10.639/03).

Esta demanda importante por reconhecimento, valorização e afirmação da comunidade afro-brasileira, no que diz respeito a educação, passou a ter apoio na promulgação da lei 10.639\2003, tal reconhecimento e valorização perpassa por um novo conceito de raça, que não é mais aquele do passado que justificava as explorações e a inferioridade. Desta forma o Parecer 03/2004 (p. 13) traz um novo conceito de raça, definindo assim que:

É importante destacar que se entende por raça a construção social forjada nas tensas relações entre brancos e negros, muitas vezes simuladas como harmoniosas, nada tendo a ver com o conceito biológico de raça cunhado no século XVIII e hoje sobejamente superado. Cabe esclarecer que o termo raça é utilizado com frequência nas relações sociais brasileiras, para informar como determinadas características físicas, como cor de pele, tipo de cabelo, entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira.

Portanto o parecer e a lei devem ser respeitados afim de que as diferenças seja elas quais forem (econômica, social e outras mais), possam ser diminutas e reparadas, e que também parem de ser re/produzidas, e desta forma possamos caminhar para uma sociedade mais igualitária em direitos.

4. Conclusão

É de importância destacar que os descendentes dos mercadores de escravos, os senhores de ontem, não necessitam hoje de assumir culpa pelo que ocorreu (as desumanidades com os negros) no passado. Porém, todos, tem a responsabilidade moral e política de combater todo e qualquer tipo de racismo, discriminação, e construir relações sociais sadias com estes que por muito tempo vem sendo mantidos a margem da sociedade (os negros), de forma que todos cresçam e se realizem como seres humanos iguais que são.

Logo, é inaceitável que no século XXI ainda existam correntes que defendam ou re/produzam discursos e ações preconceituosas e racistas. Tais como favorecimento de brancos sobre negros no mercado de trabalho, educação (básica e superior), tratamento social e econômico. Fica assim, imprescindível que todos possam respeitar os direitos dessa população, que ainda mais que os portugueses colonizadores destas terras, construíram com as próprias mãos, sangue e suor, o Brasil em diversas formas.

Ainda deve ser destacado que o verdadeiro culpado pelo legado que hoje é vivenciado no Brasil se deve ao fato do olhar “superior” do outro Europeu sobre os índios e Negros. E de todo o modo de “pensar” perpassado para a sociedade e que ainda é muito forte na população brasileira nos dias atuais.

5. Bibliografia

ARENDDT, Hannah. O pensamento racial antes do racismo. **In. Origens do totalitarismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BRASIL. A lei 10.639\03 e o Parecer 03\2004 – **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro- Brasileira e Africana.** MEC\Brasília, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** Rio de Janeiro: Record, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930.**

VIANA, Oliveira. **Arianização do Brasil**. In: Evolução do povo brasileiro. 1959.